

A Reforma Católica

A reforma protestante fez sentir seu impacto em toda a Europa, influenciando de forma determinante o momento histórico e aumentando imensamente a pressão sobre a igreja católica. Há séculos desejos de reforma varriam a Europa mas a reforma protestante acabou por acrescentar um novo desafio para aqueles que desejavam a reforma da igreja medieval: suprir os desejos de uma reforma interna e ainda responder aos ataques dos protestantes.¹

Primeiro, surgiram figuras eruditas dispostas a defender a posição católica contra os protestantes, dentre os quais se destacaram Roberto Belarmino (1542-1621), autor de “As controvérsias da fé cristã” e César Barônio (1538-1607), grande historiador católico autor de “Anais Eclesiásticos”. Além dos eruditos que se muniam de argumentos para defender o catolicismo, muitos se dedicaram a reforma a vida monástica da igreja. Muitos mosteiros e conventos foram fechados onde a reforma protestante chegou e como reposta nasceram novas ordens: as Carmelitas Descalças, fundada por Tereza de Jesus, e a Companhia de Jesus (jesuítas), fundada por Inácio de Loyola.

Inácio de Loyola (1491-1556) era filho de uma família aristocrática que tentou a carreira militar da qual veio a desistir após ter sido ferido em uma perna que jamais se recuperou definitivamente. Como Lutero, Inácio passou por intensas angústias e diferentemente de Lutero seu encontro com a graça o tornou ainda mais comprometido com a reforma da igreja católica. Ao contrário do ideal monástico recluso, Inácio colocou-se a serviço da igreja e foi para a Palestina com o desejo de ser missionário entre os turcos. Logo depois, regressou a Europa para estudar e começou a atrair um movimento em torno de si mesmo, quando em 1534 contraiu votos de pobreza, castidade e obediência ao papa e assim nasceu a Companhia de Jesus. Os jesuítas viriam a marcar os séculos seguintes por serem um dos instrumentos mais poderosos nas controvérsias com os protestantes e ao mesmo tempo um braço missionário da igreja que realizaria proezas incríveis. Já Tereza de Jesus (1515-1582) viveu a maior parte de sua juventude em Ávila e desde jovem sentiu-se atraída para a vida monástica, vindo a se torna freira no convento carmelita da Encarnação, o qual posteriormente deixou para fundar o Convento de São José. Após ter sua ordem reconhecida fundou diversos conventos por toda Castela e Andaluzia, inclusive se tornando a primeira mulher a fundar um mosteiro para homens. Após sua morte, foi declarada doutora da igreja como Catarina de Siena.

A reforma católica em resposta a reforma protestante viria a tomar seu contorno mais definitivo no Concílio de Trento. O Concílio começou em 1545 convocado pelo Papa Paulo III e arrastou-se em meio a várias sucessões papais. A reforma pretendida não agradava a todos e logo o concílio tornou-se palco de tumultos que eram sintomas das divisões e lutas de poder dentro da igreja. O concílio encerrou seus trabalhos apenas em 1563, sendo que esteve em recesso a maior parte do tempo. As decisões tomadas pelo concílio visavam moralizar os clérigos e prepará-los melhor, exigindo que os bispos vivessem em suas sedes, condenando o pluralismo e o absenteísmo. Além disso, a reforma reafirmou os pontos doutrinários que eram arena de debate com os protestantes: a tradição tem autoridade igual a das Escrituras, os sacramentos são sete, a missa é um sacrifício que pode ser oferecido em favor dos mortos, a ceia não deve ser ministrada em ambos os elementos aos fiéis, a justificação não ocorre pela fé mas pela colaboração do cristão com suas boas obras. A Inquisição ganhou força e criou-se o Índice de Livros Proibidos.

Apesar dos inúmeros recessos e tumultos o concílio de Trento tem uma importância histórica muito grande pois marca o nascimento do catolicismo moderno que em suma rejeitou qualquer diálogo com o protestantismo e dedicou-se a sustentar sua posição, ainda que em alguns aspectos de forma visivelmente precária. Justo González afirma que, ao tomar esse caminho de rejeitar a reforma protestante completamente, o catolicismo viria a se desconectar de elementos protestantes que eram na verdade uma verdadeira e profunda expressão da fé cristã e que esse estado de coisas mudou apenas no séc. XX.² Por sua insistência teimosa no passado, a igreja católica comprometeu parte de seu futuro e tornou-se por tempos refém do que fora, incapaz de rever sua própria identidade.

O séc. XVI mostrou como um tempo de grandes mudanças, guerras entre cristãos, o esfacelamento da unidade institucional da igreja e o nascimento de diversas tradições cristãs. Além disso tudo que acontecia na Europa, havia um mundo nascendo além do mar pois esse mesmo período é o período dos conquistadores.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.105-115

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.115

E a Reforma em Portugal?

Portugal como um povo, um estado português, é o resultado de uma longa e sinuosa mistura de diversos povos que formaram durante boa parte da Idade Média um complicado quebra-cabeças na península ibérica. As diversas ocupações de romanos, germânicas, mouros e outros fez com que esse espaço se tornasse uma série de pequenos domínios, cada qual com seus senhores e cultura próprios. No entanto, em meados do séc. X dois condados se uniram: o condado de Portucale e o de Coimbra, resultando no “Condado Portucaleense” que ficou sob o governo do Conde Henrique de Borgonha em 1096.³

Ao mesmo tempo, diversos senhores buscavam independência dos condes de Portugal e faziam alianças com os soberanos de Castela e Navarra. Essas disputas internas por espaço dentro da península ibérica ganham novos contornos quando surge um inimigo em comum: os muçulmanos que invadem a península conquistando espaços nos séc. XII e XIII. Seria este contexto de guerra que forneceria os elementos necessários para o surgimento de uma monarquia portuguesa que se fortalecia cada vez mais. A noção de um estado português surge de fato sob a figura de Afonso II no período 1211 a 1223, obra que seria continuada por Afonso III (1248-1279) e Dinis (1279-1325). Foi nesse período de fato uma política nacional começou a se desenvolver sendo que no séc. XIII com os eventos das Guerras com Castela e a Revolução de 1383-1385 já se falava em “portugueses” como sendo um povo e um território específico.⁴ Também no séc. XIII Portugal venceria de fato a invasão islâmica, completando o processo de reconquista e começando então a se preparar para a grande expansão marítima dos séc. XIV e XV que viriam a marcar a colonização do Brasil.⁵

Por tudo isso, é importante fazer uma pergunta que usualmente não é respondida em livros de história: e a reforma em Portugal? Felizmente o teólogo e historiador Franklin Ferreira dedica um capítulo de sua obra a narrar como foi o impacto do movimento reformado em terras lusitanas.⁶ O período da reforma foi um período confuso para Portugal, pois devido as navegações portuguesas que buscavam um caminho para as Índias os portugueses foram fazendo incursões pela costa africana. Neste contexto, os portugueses faziam alianças com senhores africanos a fim de estabelecer postos que visavam dar segurança a rota das riquezas que traficavam do Brasil, Guiné e Ilhas Atlânticas. É justamente neste contexto que D. Sebastião (1554-1578), rei de Portugal, envolveu-se na chamada Guerra de Três Reis no Marrocos (Batalha de Alcácer-Quibir) na qual desapareceu, deixando o trono vago e iniciando uma grave crise de sucessão. O trono viria a cair nas mãos de Filipe II, da Espanha, sendo que um rei português viria a ocupar o trono apenas em 1640 com a coroação de Dom João IV (1604-1656).

A reforma aparece pela primeira vez com uma citação de Lutero em um relatório enviado a Lisboa em 1520 e logo uma série de autores portugueses de puseram a escrever contra a reforma: João de Barros, Garcia de Resende e também de Luís Vaz de Camões. Contudo, há registros de que entre 1520 e 1540 António Pereira Marramaque teria escrito várias obras manuscritas de teor claramente protestante. Além disso, o Real Colégio das Artes de Coimbra teria tido uma onda de simpatizantes do luteranismo. O próprio Reitor André de Gouveia teria sido um simpatizante da reforma protestante que trouxe da França professores que mais tarde foram presos pela Inquisição: Diogo de Teive, João da Costa e o escocês George Buchanan. A Inquisição portuguesa recebeu denúncias contra António Pereira Marramaque e outros autores como Gil Vicente – autor de “Auto da barca do inferno”, Damião de Góis e Manuel Travassos. Manuel Travassos é considerado o primeiro luterano português, tendo sido preso pela Inquisição em 1570 e entregue aos poderes reais em 1571. Damião de Góis também foi preso sob acusação de ser protestante e condenado a prisão perpétua. Além destes o frade dominicano Fernão de Oliveira também foi preso pela inquisição e o inglês Robert Gardiner que era judeu reformado foi queimado vivo em Lisboa em 1552.

A Inquisição de fato conseguiu fazer bem seu trabalho em Portugal, de maneira que a Reforma Protestante não exerceu impacto significativo em Portugal não houve presença protestante marcante em terras lusitanas. Este quadro permaneceu inalterado até que em 1641 estabeleceu-se em Lisboa a Igreja Holandesa Reformada para cidadãos estrangeiros. Nesse contexto o tratado luso-inglês (que também abrangia a condição do Brasil) é que de se concedia liberdade religiosa aos britânicos em terras portuguesas desde que não houvesse proselitismo e o culto fosse recluso. Além disso, em 1642 o português João Ferreira de Almeida viria a fazer sua profissão de fé como protestante reformado na igreja da Batávia, nos Países Baixos. Mais tarde Almeida viria a ser ordenado ministro reformado e se tornaria missionário da igreja reformada holandesa no Sri Lanka, na Índia, em Málaca e Jacarta. Ferreira foi o primeiro a traduzir as Escrituras para a língua portuguesa e até hoje sua obra está viva entre nós por meio das versões Almeida Revista e Atualizada e Almeida Corrigida.

³ História de Portugal/ José Mattoso *et al*; José Tengarrinha (Org.). Bauru, SP: EDUSC, 2000, p.8

⁴ História de Portugal/ José Mattoso *et al*; José Tengarrinha (Org.). Bauru, SP: EDUSC, 2000, p.15

⁵ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.227

⁶ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.195